

Muito Além do Silêncio: 5 Lições de Poder e Intelectualidade das Mulheres Negras que a História Tentou Apagar

Por Bruno Reallyme

A história oficial, em sua faceta mais tradicional, raramente é um relato neutro; ela funciona como um exercício deliberado de seleção e, conseqüentemente, de exclusão. Quando analisamos a trajetória das mulheres negras na Diáspora, o que emerge não é um simples lapso de memória coletiva, mas o que chamo de "esquecimento estratégico". Trata-se de uma tática política refinada que visa reduzir figuras complexas a meros estereótipos de "mão de obra" ou objetos de servidão, ocultando sua agência intelectual e política. Este silenciamento ocorre no ponto cego da historiografia colonial: o cruzamento exato entre racismo, sexismo e classismo. Para compreender essa dinâmica, precisamos recorrer ao conceito de **Interseccionalidade**, sistematizado por **Kimberlé Crenshaw** e aprofundado no Brasil por **Carla Akotirene**. Sem essa lente, somos incapazes de enxergar como a desumanização documental tentou converter líderes, escritoras e estrategistas em figuras folclóricas — como a "mãe preta" ou o "objeto hipersexualizado" — anulando sistematicamente sua capacidade de articulação e produção de conhecimento.

1. Liderança é Ciência Política, não apenas Doméstica

A figura de **Tereza de Benguela** é o maior desmentido à ideia de que a liderança feminina negra no século XVIII restringia-se ao ambiente doméstico. À frente do Quilombo do Quariterê, no Mato Grosso, Tereza não foi apenas uma gestora de sobrevivência; ela foi uma estadista. Sob seu comando, a comunidade multiétnica operava com um **parlamento** e um sistema de defesa altamente sofisticado. Sua gestão prova que a intelectualidade negra feminina dominava a logística e a administração política em plena era colonial. Nessa mesma linhagem de autonomia radical, encontramos **Dandara dos Palmares**. Longe de ser apenas um suporte para Zumbi, Dandara foi uma peça-chave na estratégia militar de Palmares. Seu ato final — o suicídio para evitar a captura — não deve ser lido como um gesto de desespero, mas como uma escolha insurgente de agência absoluta. Ao escolher a morte em vez da servidão, Dandara reafirmou que sua existência não pertencia ao sistema colonial, consolidando-se como um símbolo de resistência política que a história oficial tentou reduzir ao mito.

2. A Caneta como Instrumento de Resistência Jurídica e Literária

O domínio da norma culta e da escrita foi uma das formas mais subversivas de desafiar o sistema escravocrata. Duas mulheres, em tempos e locais distintos, utilizaram o letramento para implodir o cânone branco e masculino:

- **Esperança Garcia:** Em 1770, no Piauí, ela redigiu uma carta ao governador denunciando maus-tratos. Esse documento não é apenas um relato; é uma peça de resistência jurídica. Reconhecida hoje como a primeira advogada do estado, sua voz escrita prova que a intelectualidade negra utilizava as próprias ferramentas do opressor para litigar por dignidade.
- **Maria Firmina dos Reis:** No Maranhão de 1859, ela publicou *Úrsula*, tornando-se a primeira romancista brasileira. Enquanto o romantismo da época tratava a

escravidão de forma acessória, Firmina conferiu humanidade e voz subjetiva aos escravizados, operando uma verdadeira ruptura epistemológica na literatura nacional. A transição da "caneta como arma" para o "poder do capital" mostra que essas mulheres entendiam que a liberdade demandava tanto reconhecimento intelectual quanto autonomia material.

3. Arquitetas Financeiras e as Redes de Proteção das "Mulheres de Ganhos"

Nas ruas de Salvador e do Rio de Janeiro, a economia urbana pulsava sob o comando das "mulheres de ganhos". Frequentemente descritas apenas como quituteiras, elas eram, em realidade, **estrategistas econômicas e empreendedoras urbanas**. Essas mulheres controlavam fluxos financeiros significativos e foram as arquitetas do chamado "**Dinheiro da Alforria**". Com os lucros de seu comércio, elas gerenciavam fundos coletivos para comprar a liberdade de seus pares e financiar redes de proteção social. Elas foram as principais mantenedoras das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e dos Candomblés, garantindo a sobrevivência de sistemas de fé e auxílio mútuo. Ao agirem como seguradoras sociais da população negra, elas demonstraram uma visão de logística econômica que precedeu em séculos muitos conceitos modernos de economia solidária.

4. Amefricanidade: A Resistência como Fenômeno Global

A resistência feminina negra não pode ser entendida como um fato isolado do Brasil; ela é um fenômeno transfronteiriço que a intelectual **Lélia Gonzalez** batizou de **Amefricanidade**. Esse conceito conecta as experiências de mulheres negras em todas as Américas, unindo o deslocamento geográfico e espiritual à insurgência política. Essa conexão fica evidente quando comparamos a inteligência logística de **Harriet Tubman** nos EUA — a "Moisés do seu povo", que arquitetou fugas em massa pela *Underground Railroad* — à bravura de **Nanny of the Maroons** na Jamaica. Nanny não utilizava apenas táticas de guerrilha; ela transformou a **ancestralidade religiosa** em uma arma de guerra contra o exército britânico. "Ain't I a Woman?" (E eu não sou uma mulher?) — *Sojourner Truth (1851)* O questionamento histórico de Sojourner Truth em 1851 fundamentou a crítica a um feminismo universalista que ignorava a especificidade da raça. Esse eco ressoa diretamente nas teses de Lélia Gonzalez décadas depois, provando que a luta das mulheres amefricanas é uma rede global de pensamento crítico que desafia o poder hegemônico há séculos.

5. Escrevivência: O Antídoto para o Apagamento Documental

Para combater o "apagamento documental" mencionado no início, surge a **Escrevivência**, pilar teórico fundamental de **Conceição Evaristo**. A escrevivência não é apenas um estilo literário; é o método definitivo de cura para o silenciamento histórico. Ao fundir a vivência individual ao corpo coletivo negro, Evaristo cria uma escrita que nasce "de dentro", impossibilitando que a narrativa sobre a mulher negra seja feita apenas por quem olha de fora. É através da escrevivência que conseguimos finalmente desconstruir o **Mito da Democracia Racial**. Esse mito, que por décadas tentou vender a ilusão de uma harmonia brasileira para ocultar a dor da mulher negra, é desmascarado quando a escrita se torna um testemunho político e um ato de preservação da memória. A escrevivência garante que a história não seja apenas contada, mas sentida e validada por quem a vive.

Um Novo Olhar para o Futuro

Resgatar essas vozes não é um exercício de nostalgia, mas de justiça epistemológica. O silenciamento histórico nunca foi um acidente; foi uma política de Estado. Reconhecer a intelectualidade, a estratégia econômica e a liderança política de mulheres como Tereza, Esperança e Lélia é o passo fundamental para compreender a estrutura da nossa sociedade atual. Ao final desta jornada pelas páginas ocultas do tempo, fica a provocação essencial: **Quais outras vozes ainda estão esperando para serem ouvidas por trás das páginas que a história oficial decidiu não escrever?**